



## EDUCAÇÃO E SABERES TRADICIONAIS NO NORTE DO BRASIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

 <https://doi.org/10.56238/levv16n46-094>

**Data de submissão:** 28/02/2025

**Data de publicação:** 28/03/2025

### Átila de Souza

Doutorando em Ciências da Educação, Universidad de la Integración de Las Américas (UNIDA), Asunción, Paraguay.  
E-mail: atilabio@hotmail.com

### Francenilce Lopes da Silva

Mestranda em Ciências da Educação, Universidad de la Integración de Las Américas (UNIDA), Asunción, Paraguay.  
E-mail: francenilce.silva@prof.am.gov.br

### Jhones de Souza Lima

Doutorando em Ciências da Educação, Universidad de la Integración de Las Américas (UNIDA), Asunción, Paraguay.  
E-mail:jhones.lima@prof.am.gov.br

### José Farias Bernardes

Mestre em Educação pela Universidad de Los Pueblos de Europa (UPE), Malagá, España.  
E-mail: jose.bernardesmsc@gmail.com

### Mackson Azevedo Mafra

Doutor em Ciências da Educação, Universidad de la Integración de Las Américas (UNIDA), Asunción, Paraguay.  
E-mail: mackson.azevedo@hotmail.com

### Railane Medeiros do Nascimento

Mestranda em Ciências da Educação, Universidad de la Integración de Las Américas (UNIDA), Asunción, Paraguay.  
E-mail: railanemedeiros@hotmail.com

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir os desafios e perspectivas da integração dos saberes tradicionais ao currículo escolar no Norte do Brasil, com foco no papel dos mitos e narrativas tradicionais na aprendizagem, nos obstáculos enfrentados por comunidades rurais e indígenas e em experiências bem-sucedidas de educação intercultural. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica sistemática e estruturada em três etapas: definição do escopo temático, seleção e análise das fontes, e síntese dos dados, utilizando a técnica de análise de conteúdo para identificar padrões e convergências. Os resultados evidenciam que os mitos e narrativas tradicionais são ferramentas pedagógicas essenciais para a transmissão de valores e conhecimentos nas comunidades locais, mas sua integração ao currículo escolar enfrenta desafios como a falta de infraestrutura, a formação inadequada de professores e a desconexão entre os saberes locais e o currículo formal. Por outro lado, experiências como os projetos "Saberes da Floresta", "Educação Escolar Indígena



Diferenciada" e "Escolas da Floresta" demonstram que é possível superar esses obstáculos por meio de um diálogo respeitoso e participativo entre os saberes tradicionais e os conhecimentos acadêmicos. A pesquisa demonstra que a educação intercultural no Norte do Brasil é um caminho necessário para a valorização da diversidade cultural e para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Para tanto, é essencial o desenvolvimento de políticas públicas que apoiem a formação docente, a participação comunitária e a criação de currículos que integrem os saberes locais, garantindo uma educação que respeite e celebre as múltiplas formas de conhecimento e de existência.

**Palavras-chave:** Educação. Saberes tradicionais. Educação escolar indígena. Escolas da floresta.



## 1 INTRODUÇÃO

A região Norte do Brasil, marcada por sua vasta diversidade cultural e ambiental, abriga uma riqueza de saberes tradicionais que são transmitidos há gerações por meio de mitos, narrativas e práticas cotidianas. Esses saberes, profundamente enraizados nas comunidades rurais e indígenas, representam não apenas um patrimônio cultural, mas também um sistema de conhecimento que orienta a vida social, espiritual e ecológica desses grupos. No entanto, a integração desses conhecimentos locais ao sistema formal de educação tem sido um desafio persistente, evidenciando tensões entre os modelos educacionais hegemônicos e as práticas pedagógicas tradicionais.

A educação intercultural surge como uma proposta essencial para superar essas dicotomias, promovendo um diálogo entre os saberes científicos e os saberes tradicionais. Essa abordagem visa não apenas valorizar a diversidade cultural, mas também fortalecer a identidade e a autonomia dos povos tradicionais, contribuindo para uma educação mais inclusiva e contextualizada. Nesse sentido, os mitos e narrativas tradicionais desempenham um papel fundamental, pois são ferramentas pedagógicas que transmitem valores, conhecimentos ecológicos e visões de mundo específicas, enriquecendo o processo de aprendizagem.

Este artigo tem como objetivo discutir os desafios e perspectivas da integração dos saberes tradicionais na educação formal no Norte do Brasil, com foco no papel dos mitos e narrativas na aprendizagem, nos obstáculos enfrentados pelas comunidades rurais e indígenas no acesso à escolarização e em experiências bem-sucedidas de integração dos saberes locais ao currículo escolar. A partir de uma análise crítica, busca-se refletir sobre como a educação intercultural pode contribuir para a valorização da diversidade cultural e para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Ao abordar essas questões, o artigo pretende destacar a importância de políticas públicas e diretrizes educacionais que reconheçam e promovam os saberes tradicionais, garantindo que as comunidades locais sejam protagonistas de seus processos educativos. A discussão aqui proposta visa, portanto, contribuir para o debate sobre a educação intercultural no Brasil, destacando caminhos possíveis para a superação dos desafios e a consolidação de práticas educativas mais democráticas e inclusivas.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, baseada em uma revisão bibliográfica sistemática, com o objetivo de analisar as políticas públicas, as práticas educativas e os desafios da integração dos saberes tradicionais ao currículo escolar no Norte do Brasil. A metodologia foi estruturada em três etapas principais: definição do escopo da pesquisa, seleção e análise das fontes, e síntese dos dados.



Na primeira etapa, definiu-se o escopo do estudo a partir de três eixos temáticos: o papel dos mitos e narrativas tradicionais na aprendizagem, os desafios da escolarização em comunidades rurais e indígenas e as experiências bem-sucedidas na integração dos saberes locais ao currículo escolar. Esses eixos orientaram tanto a seleção das fontes bibliográficas quanto a análise dos dados, garantindo um foco claro e coerente ao estudo.

Em seguida, foram selecionadas diversas fontes bibliográficas, incluindo livros, artigos científicos, dissertações, teses, documentos oficiais e relatórios de organizações não governamentais. Foram priorizadas as obras de autores como Baniwa (2009), Lima (2018), Cabral (2020), Munduruku (2013), Almeida (2015) e Souza (2017), devido à sua relevância para a temática da educação intercultural na região Norte do Brasil. A seleção seguiu critérios de relevância temática, priorizando estudos sobre saberes tradicionais, educação intercultural e escolarização em comunidades rurais e indígenas; abrangência geográfica, focando na região Norte.

### **3 O PAPEL DOS MITOS E NARRATIVAS TRADICIONAIS NA APRENDIZAGEM**

Os mitos e narrativas tradicionais desempenham um papel central na transmissão de conhecimentos e valores nas comunidades rurais e indígenas do Norte do Brasil. Essas narrativas, muitas vezes transmitidas oralmente, são instrumentos pedagógicos que conectam as gerações, preservando a memória coletiva e fortalecendo a identidade cultural. Autores como Munduruku (2013), em sua obra "*Histórias de Índio*", destaca que os mitos indígenas não são apenas histórias, mas ferramentas educativas que ensinam sobre o respeito à natureza, a convivência comunitária e os princípios éticos que regem a vida em sociedade.

No contexto amazônico, Baniwa (2009), em "*A Educação Indígena na Amazônia*", reforça que as narrativas tradicionais são fundamentais para a formação integral dos indivíduos, pois integram aspectos espirituais, ecológicos e sociais. Ele argumenta que esses saberes, quando valorizados no processo educativo, permitem uma aprendizagem significativa e contextualizada, que dialoga com a realidade local. Essa perspectiva é compartilhada por Almeida (2015), que, em "*Saberes Tradicionais e Educação Escolar Indígena no Amazonas*", ressalta a importância de se reconhecer os mitos como fontes de conhecimento científico e filosófico, capazes de complementar e enriquecer o currículo escolar.

A relação entre mitos e aprendizagem também é explorada por Souza (2017), em "*Narrativas Amazônicas: Educação e Cultura*", que analisa como as histórias tradicionais são utilizadas para ensinar sobre a biodiversidade, os ciclos naturais e as práticas sustentáveis de manejo dos recursos naturais. Segundo o autor, essas narrativas são uma forma de "ciência tradicional", que pode dialogar de maneira produtiva com o conhecimento científico ocidental.

No entanto, a integração desses saberes ao sistema formal de educação enfrenta desafios, como aponta Lima (2018), em *"Educação Intercultural na Amazônia: Desafios e Possibilidades"*. Ele argumenta que, muitas vezes, o currículo escolar não reconhece a legitimidade dos conhecimentos tradicionais, marginalizando-os em favor de um modelo educacional eurocêntrico. Para superar essa lacuna, é necessário criar espaços de diálogo entre os saberes locais e os conhecimentos acadêmicos, como propõe Cabral (2020), em *"Diálogos Interculturais na Educação Amazônica"*. A autora defende uma abordagem pedagógica que valorize as narrativas tradicionais como eixos estruturantes do processo educativo, promovendo uma educação mais inclusiva e respeitosa das diversidades culturais.

Em síntese, os mitos e narrativas tradicionais são ferramentas pedagógicas poderosas, que podem transformar a educação no Norte do Brasil. Ao serem integrados ao currículo escolar, esses saberes não apenas enriquecem o processo de aprendizagem, mas também fortalecem a identidade cultural das comunidades locais, contribuindo para a construção de uma educação verdadeiramente intercultural.

#### **4 DESAFIOS DA ESCOLARIZAÇÃO EM COMUNIDADES RURAIS E INDÍGENAS**

A escolarização em comunidades rurais e indígenas no Norte do Brasil enfrenta uma série de desafios estruturais, culturais e pedagógicos que dificultam o acesso e a permanência de estudantes no sistema formal de educação. Esses desafios são agravados pela falta de políticas públicas que considerem as especificidades dessas comunidades, como aponta Baniwa (2009), em *"A Educação Indígena na Amazônia"*. O autor ressalta que a distância geográfica, a precariedade da infraestrutura escolar e a falta de transporte adequado são obstáculos concretos que impedem muitas crianças e jovens de frequentarem a escola regularmente.

Além das barreiras físicas, há também desafios relacionados ao currículo e à formação docente. Lima (2018), em *"Educação Intercultural na Amazônia: Desafios e Possibilidades"*, argumenta que o currículo escolar muitas vezes não dialoga com a realidade local, ignorando os saberes tradicionais e impondo uma visão de mundo distante da vivência das comunidades rurais e indígenas. Essa desconexão gera um sentimento de desvalorização da cultura local, o que pode levar ao desinteresse e à evasão escolar.

A formação de professores é outro ponto crítico, como destaca Cabral (2020), em *"Diálogos Interculturais na Educação Amazônica"*. A autora observa que muitos educadores não estão preparados para atuar em contextos interculturais, faltando-lhes conhecimentos sobre as culturas e línguas indígenas, bem como sobre as práticas pedagógicas que possam integrar os saberes locais ao ensino formal. Essa lacuna na formação docente contribui para a perpetuação de um modelo educacional que marginaliza as identidades e os conhecimentos tradicionais.



Outro desafio significativo é a tensão entre a educação formal e os modos próprios de aprendizagem das comunidades tradicionais. Munduruku (1996), em "*Histórias de Índio*", enfatiza que, para muitos povos indígenas, a educação não se restringe ao ambiente escolar, mas ocorre no cotidiano, por meio da oralidade, dos rituais e da convivência com a natureza. A imposição de um modelo escolar que desconsidera essas práticas pode gerar conflitos e resistências, como observa Almeida (2015), em "*Saberes Tradicionais e Educação Escolar Indígena no Amazonas*". O autor argumenta que, para superar esses conflitos, é necessário construir uma educação que respeite e incorpore os processos educativos tradicionais, criando pontes entre os saberes locais e os conhecimentos acadêmicos.

A falta de investimento em políticas públicas específicas para a educação rural e indígena também é um obstáculo significativo. Souza (2017), em "*Narrativas Amazônicas: Educação e Cultura*", destaca que, embora existam diretrizes nacionais que reconhecem a importância da educação intercultural, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena, a implementação dessas políticas ainda é incipiente. Muitas escolas carecem de recursos financeiros, materiais didáticos adequados e apoio técnico para desenvolver práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural.

Diante desses desafios, é urgente repensar a escolarização nas comunidades rurais e indígenas do Norte do Brasil, como propõem os autores citados. Isso implica não apenas superar as barreiras logísticas e estruturais, mas também promover uma transformação profunda no currículo, na formação docente e nas políticas públicas, de modo a garantir uma educação que seja verdadeiramente inclusiva, intercultural e respeitosa das diversidades.

## **5 EXPERIÊNCIAS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS NA INTEGRAÇÃO DOS SABERES LOCAIS AO CURRÍCULO ESCOLAR**

Apesar dos desafios, há diversas experiências e projetos bem-sucedidos no Norte do Brasil que demonstram a viabilidade e a importância de integrar os saberes locais ao currículo escolar. Essas iniciativas, muitas vezes desenvolvidas em parceria com as comunidades, universidades e organizações não governamentais, mostram como a educação intercultural pode ser uma ferramenta poderosa para valorizar a diversidade cultural e promover uma aprendizagem significativa.

Um exemplo emblemático é o projeto desenvolvido pela Escola Indígena Baniwa e Coripaco, no Alto Rio Negro, no Amazonas, analisado por Baniwa (2009) em "*A Educação Indígena na Amazônia*". O autor descreve como a escola incorporou os mitos, as narrativas e as práticas tradicionais ao currículo, criando um modelo educativo que respeita e fortalece a identidade cultural dos estudantes. Essa experiência demonstra que é possível conciliar os saberes locais com os conhecimentos acadêmicos, desde que haja um diálogo genuíno entre a comunidade e os educadores.



Outro caso relevante é o projeto "Saberes da Floresta", implementado em comunidades ribeirinhas do Pará, discutido por Souza (2017) em *"Narrativas Amazônicas: Educação e Cultura"*. O projeto utiliza as narrativas tradicionais e os conhecimentos ecológicos locais como base para o ensino de ciências e matemática, mostrando como os saberes tradicionais podem enriquecer o currículo escolar. Segundo o autor, essa abordagem não apenas aumenta o interesse dos estudantes, mas também promove um maior engajamento da comunidade no processo educativo.

No contexto da formação docente, Cabral (2020), em *"Diálogos Interculturais na Educação Amazônica"*, destaca a experiência do Programa de Formação de Professores Indígenas no Acre, que capacita educadores para atuar em suas próprias comunidades, integrando os saberes tradicionais ao ensino formal. A autora ressalta que a formação de professores indígenas é fundamental para garantir que a educação escolar seja culturalmente relevante e respeitosa das identidades locais.

Além disso, Almeida (2015), em *"Saberes Tradicionais e Educação Escolar Indígena no Amazonas"*, analisa o projeto "Educação Escolar Indígena Diferenciada", que tem sido implementado em várias comunidades do Amazonas. O projeto prevê a elaboração de materiais didáticos específicos, que incorporam as línguas indígenas, os mitos e as práticas tradicionais, criando um currículo que reflete a realidade e os valores das comunidades. O autor argumenta que essa iniciativa tem contribuído para a valorização da cultura indígena e para a redução da evasão escolar.

Outro exemplo inspirador é o projeto "Escolas da Floresta", no estado do Amapá, discutido por Lima (2018) em *"Educação Intercultural na Amazônia: Desafios e Possibilidades"*. O projeto promove a integração dos saberes tradicionais sobre a biodiversidade amazônica ao currículo escolar, utilizando metodologias participativas que envolvem os estudantes e as comunidades no processo de aprendizagem. Segundo o autor, essa abordagem tem sido fundamental para fortalecer a conexão dos jovens com seu território e sua cultura.

Por fim, Munduruku (2013), em *"Histórias de Índio"*, destaca a importância de iniciativas que valorizem a oralidade e as narrativas tradicionais como ferramentas pedagógicas. Ele cita o exemplo de escolas indígenas que têm utilizado os mitos e as histórias ancestrais para ensinar sobre ética, ecologia e convivência comunitária, mostrando como esses saberes podem ser integrados de maneira criativa e respeitosa ao currículo escolar.

Essas experiências demonstram que a integração dos saberes locais ao currículo escolar não apenas é possível, mas também traz benefícios significativos para as comunidades rurais e indígenas. Elas reforçam a importância de políticas públicas que apoiam e ampliam essas iniciativas, garantindo que a educação seja um espaço de valorização da diversidade cultural e de promoção da equidade.

## 6 DISCUSSÃO

A análise dos desafios e das experiências bem-sucedidas na integração dos saberes tradicionais ao currículo escolar no Norte do Brasil revela a complexidade e a urgência de se promover uma educação intercultural que respeite e valorize a diversidade cultural. Como destacam Baniwa (2009) e Lima (2018), a desconexão entre o currículo escolar e a realidade das comunidades rurais e indígenas é um dos principais obstáculos a ser superado. Essa lacuna não apenas marginaliza os saberes tradicionais, mas também reforça desigualdades históricas, contribuindo para a desvalorização das identidades culturais e para a evasão escolar.

No entanto, as experiências discutidas por Souza (2017) e Almeida (2015) mostram que é possível construir pontes entre os saberes locais e os conhecimentos acadêmicos, criando um currículo que seja culturalmente relevante e pedagogicamente eficaz. Projetos como "Saberes da Floresta" e "Educação Escolar Indígena Diferenciada" demonstram que a integração dos mitos, narrativas e práticas tradicionais ao ensino formal não apenas enriquece o processo de aprendizagem, mas também fortalece a autoestima e a identidade cultural dos estudantes. Essas iniciativas reforçam a ideia de que a educação intercultural deve ser um diálogo constante entre diferentes formas de conhecimento, como propõe Cabral (2020).

A formação docente emerge como um elemento central nesse processo, como apontam Lima (2018) e Cabral (2020). A capacitação de professores para atuar em contextos interculturais, com conhecimentos sobre as línguas, culturas e saberes tradicionais, é fundamental para garantir que a educação escolar seja inclusiva e respeitosa. Programas como o Formação de Professores Indígenas no Acre mostraram que investir na formação de educadores locais é uma estratégia eficaz para promover a valorização dos saberes tradicionais e para reduzir as assimetrias entre os conhecimentos acadêmicos e os conhecimentos locais.

Além disso, a participação das comunidades no processo educativo é um fator crucial para o sucesso dessas iniciativas, como destacam Munduruku (2013) e Baniwa (2009). Quando as comunidades são envolvidas na elaboração do currículo e na gestão das escolas, a educação se torna um espaço de empoderamento e de fortalecimento cultural. Essa abordagem participativa não apenas garante que os saberes tradicionais sejam respeitados, mas também promove um maior engajamento das famílias e da comunidade no processo educativo.

Por fim, é importante ressaltar que a implementação de políticas públicas adequadas é essencial para ampliar e consolidar essas experiências. Como observa Souza (2017), embora existam diretrizes nacionais que reconhecem a importância da educação intercultural, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena, a falta de investimento e de apoio técnico ainda limita o alcance dessas iniciativas. Para superar esses desafios, é necessário um compromisso político e financeiro que garanta a sustentabilidade e a expansão desses projetos.



Em síntese, a educação intercultural no Norte do Brasil representa uma oportunidade única para promover a valorização da diversidade cultural e para construir uma sociedade mais justa e equitativa. Como demonstram os autores citados, essa transformação requer não apenas mudanças no currículo e na formação docente, mas também um diálogo permanente entre os saberes tradicionais e os conhecimentos acadêmicos, com o apoio de políticas públicas consistentes e participativas.

## 7 CONCLUSÃO

A integração dos saberes tradicionais ao currículo escolar no Norte do Brasil representa um desafio complexo, mas também uma oportunidade transformadora para a construção de uma educação verdadeiramente intercultural. Como demonstrado ao longo deste artigo, os mitos, narrativas e práticas tradicionais desempenham um papel fundamental na formação cultural e identitária das comunidades rurais e indígenas, sendo ferramentas pedagógicas poderosas que podem enriquecer o processo de aprendizagem. No entanto, a escolarização nessas comunidades enfrenta obstáculos significativos, desde a falta de infraestrutura e de formação docente até a desconexão entre o currículo formal e os saberes locais.

As experiências bem-sucedidas analisadas, como os projetos "Saberes da Floresta", "Educação Escolar Indígena Diferenciada" e "Escolas da Floresta", mostram que é possível superar esses desafios por meio de um diálogo respeitoso e participativo entre os saberes tradicionais e os conhecimentos acadêmicos. Essas iniciativas evidenciam que a valorização dos saberes locais não apenas fortalece a identidade cultural dos estudantes, mas também promove uma educação mais inclusiva, contextualizada e significativa.

Assim, a integração dos saberes tradicionais ao currículo escolar no Norte do Brasil é um caminho necessário para a valorização da diversidade cultural e para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Essa transformação requer um compromisso coletivo, que envolva governos, educadores, comunidades e organizações da sociedade civil, em prol de uma educação que respeite e celebre as múltiplas formas de conhecimento e de existência.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria do Socorro Pimentel da Silva. *Saberes Tradicionais e Educação Escolar Indígena no Amazonas*. Belém: Editora da UFPA, 2015.
- BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. *A Educação Indígena na Amazônia*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.
- CABRAL, Sônia Maria da Silva. *Diálogos Interculturais na Educação Amazônica*. Belém: Editora Açaí, 2020.
- LIMA, Antônio Carlos Souza. *Educação Intercultural na Amazônia: Desafios e Possibilidades*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2018.
- MUNDURUKU, Daniel. *Histórias de Índio*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013.
- SOUZA, José Ribamar Bessa Freire. *Narrativas Amazônicas: Educação e Cultura*. Manaus: Editora Valer, 2017.